

Crianças no telejornalismo regional: uma análise do "Repórter Mirim" do Piauí TV 1ª edição (2014)¹

Adélia Fernanda Lima Sá Machado²
Universidade Federal do Piauí - UFPI

Resumo

O presente artigo analisa conteúdos de jornalismo infantil no contexto do telejornalismo regional, buscando compreender como a infância é representada na produção jornalística, considerando os direitos dos pequenos cidadãos. Para isso, utilizou-se a Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (1977), como procedimento metodológico para examinar as reportagens exibidas no quadro “Repórter Mirim”. Os resultados evidenciam como as crianças participaram e foram representadas em cada matéria. Foi possível observar a escassez de conteúdos voltados especificamente ao público infantil, bem como a limitada produção acadêmica sobre a temática. Diante desse cenário, o estudo contribui para ampliar as discussões sobre jornalismo infantil, especialmente em contextos regionais, ao identificar lacunas e possibilidades para futuras investigações.

Palavra-chave: jornalismo infantil; regional; telejornalismo; crianças e comunicação.

Introdução

Para iniciar o passeio pelo Jornalismo Infantil, é preciso entender como essa vertente é definida. Doretto (2014) define-o como nada mais do que um jornalismo que tem as crianças como público. No entanto, ela mesmo enxerga como uma definição simples e frágil, se comparado com as diferentes vertentes e camadas que essa editoria carrega.

Mas antes mesmo de ser reconhecido como uma editoria e até uma fonte de pesquisa, o termo infância e os participantes desse grupo passaram por um processo de identificação. Adelaide Tassi (2002) constatou que os primeiros livros para crianças

¹ Trabalho apresentado no GP09 - Comunicação para Cidadania, do 26º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 49º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista formada pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Mestranda em Comunicação pelo Programa em Comunicação da UFPI (2026-2028). Pesquisa Jornalismo e Infância na linha de Mídias e Subjetividades do Programa. E-mail: adelialimasa123@gmail.com

foram produzidos no final do século 17 e durante o século 18. Antes disso, nada era produzido para esse público, pois nem mesmo eram reconhecidos como cidadãos de pleno direito.

Só em meio a idade moderna é que surgiu a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios que necessitava [sic] de uma formação específica. Essa mudança deve-se a um outro acontecimento que foi uma nova noção de família, centrada num núcleo unicelular, preocupada em manter sua privacidade e estimular o afeto entre seus membros (Tassi, 2002, p. 1).

A partir desse período, a mídia tradicional do mundo começou a produzir para meninos e meninas. No Brasil, os primeiros impressos circulados foram do chamado jornalismo escolar, produto proveniente da família imperial no século XIX, como destaca Silva e Bueno (2019). Com o impulsionamento desse grupo no país, os materiais só ganharam mais força e razão de existir. Em 1905 o jornal impresso *O Tico Tico* foi lançado, tornando-se um marco para o jornalismo impresso infantil.

Ainda assim, as produções são poucas. Quando se trata do telejornalismo regional, o déficit é ainda maior. Mesmo com TVs públicas no estado do Piauí, o público infantil ainda é pouco representado.

Frente a isso, o presente trabalho dedicou-se a analisar um dos poucos espaços oferecidos para as crianças no telejornalismo piauiense. O concurso "Repórter Mirim" do programa Piauí TV 1ª edição, foi uma iniciativa da TV Clube, afiliada da rede Globo, durante alguns anos. O concurso durou poucos anos, com intervalos de pausas, mas foi possível elencar categorias e ações da edição de 2014, ano em que os arquivos estão de fácil acesso.

A competição era simples e ainda funcionava com envio de redações escritas pelo próprio punho dos pequenos. O tema do ano estudado era: "O Que Mais Gosto de Fazer com a Minha Família". De acordo com os apresentadores da época, centenas de redações foram enviadas, mas apenas cinco foram classificadas. Assim, ao longo da semana do dia das crianças do ano de 2014, às matérias protagonizadas e narradas pelos pequenos, foram ao ar.

Este estudo vem para somar na área de estudos sobre jornalismo infantil, em especial o jornalismo regional. Visto que foram encontrados pouquíssimos conteúdos

telejornalísticos para este público, assim como pesquisas acadêmicas. No presente artigo, é possível identificar brechas para perguntas, o que incentiva a construção de novas pesquisas na área. O intuito é esse, para ampliar as discussões e incentivar profissionais do jornalismo a lançarem luz à temática. E, assim, atender, de forma plena, o público infantil.

Crianças de pleno direito: como a infância é retratada no jornalismo

Após as primeiras produções e publicações, o acesso à informação de crianças e adolescentes passou a ser resguardada por lei. A Convenção sobre os Direitos da Criança adotada pela Assembleia Geral da ONU em 20 de novembro de 1989 (ONU, 1989) faz saber que os Estados Partes reconhecem que os meios de comunicação devem garantir o acesso da criança a informações, especialmente aqueles que visam à promoção de seu bem-estar social, espiritual e moral e de sua saúde física e mental. Ainda se tratando de legislação, o Estatuto da Criança e Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990), no artigo 71 é posto que: “A criança e o adolescente têm direito a informação [sic], cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento”.

Contudo, mesmo com o reconhecimento e as exigências, o jornalismo brasileiro ainda insiste em não integrar ou inserir crianças em pautas e produtos noticiosos. O que faz acreditar em um silenciamento ou até mesmo um processo de afastamento desse grupo aos meios e debates sociais. Cristina Ponte (2005) explica que isso acontece pelo fato de adultos estereotiparem essa fase e os enxergarem apenas como seres inocentes e desprotegidos, mesmo com a carga complexa que elas carregam.

David Buckingham (2007), inclusive, defende que esse grupo é deixado de lado quando temas políticos e sociais são levantados, mesmo com decisões que influenciam diretamente na vida delas.

As políticas que lhes dizem respeito diretamente – em áreas como educação, bem-estar familiar e ofertas de lazer – são geralmente traçadas sem grandes esforços em consultar ou registrar as visões das crianças. De modo geral, as políticas são conduzidas por sobre as cabeças delas. É como se a maturidade política só começasse quando a infância chega ao seu final, em termos jurídicos ou biológicos (Buckingham, 2006, p.111).

Muito além da política, crianças possuem o direito de participarem dos debates sociais de uma maneira ampla, uma vez que devem ser vistas como cidadãos de pleno direito. Buckingham destaca que mesmo os defensores mais ferrenhos dos direitos das crianças compreendem que há assuntos que não os contemplam na faixa etária, embora os adolescentes possam ser incluídos em parte nessas discussões. O ponto central é que esse grupo deve e merece não apenas ser retratado pela mídia, mas participar das questões que afetam diretamente suas vidas.

O jornalismo infantil nacional já passa por todas as questões antes destacadas, quando fazemos um recorte, ou melhor, uma delimitação para o regional, a carência é ainda maior. Meninos e meninas são pouco retratados e a participação é ainda mais ínfima, se comparado com o potencial de pautas e discussões que é possível serem realizadas.

Onde estão as crianças no jornalismo regional?

Sonia Aguiar (2016) entende Jornalismo Regional como as práticas que possuem proximidade geográfica em relação aos fatos e o que é reportado. Outro pesquisador que ajudou a compreender a vertente foi o geógrafo Milton Santos (1955 [2007]) que explica o termo frente ao chamado “mapa jornalístico no Brasil”. Ele chegou a delimitar o jornalismo em quatro categorias, que são: nacional, estadual, regional e local. Assim, ele define o regional como o que “[...] circula em sua área respectiva, sofrendo nas bordas a concorrência do jornal da região vizinha” (Reis, 2018, p. 64 - 65).

Quando o estudo parte para uma análise do jornalismo infantil no Piauí, é possível visualizar o déficit de produtos produzidos para e com crianças, a base da definição dessa vertente jornalística. Muito se pensa e atribui essa “culpa” às próprias crianças e adolescentes. David Buckingham (2006) pontua que esse público não pode ser responsabilizado visto que são os adultos, responsáveis e os próprios profissionais do jornalismo que devem repensar as formas que noticiam e incluem essa faixa etária nas discussões e meios noticiosos.

Andrade e Silva (2017, p.5) explicam que a escassez de atenção com o público começou a preocupar e gerar movimentações. “[...] com o contínuo desaparecimento

dos jornais infantis, discursos de profissionais da área da comunicação passaram a alertar sobre a necessidade de conteúdo voltado para crianças”.

No entanto, a pouca produção é evidente, ainda mais quando a observação é regional. Frente a realidade, geram-se perguntas: Onde estão as crianças no jornalismo regional? Como as vozes das crianças piauienses estão sendo ampliadas? O público infantil piauiense participa das notícias ou são apenas representadas?

Entendendo as lacunas do tema, especialmente no jornalismo piauiense, e com todo o aparato teórico aqui apresentado, é preciso analisar as poucas produções voltadas a esse público. Dessa forma, os próximos tópicos centram-se em exibir metodologia, análises e resultados do objeto observado, o "Repórter Mirim" do Piauí TV 1 (2014), quadro do jornalismo da TV Clube, afiliada da Globo no Piauí.

Foto 1: Logo “Repórter Mirim”



Fonte: Reprodução da reportagem da TV Clube/Rede Globo (2014).

Foto 2: "Repórter Mirim" Alice Oliveira conduzindo a entrevista com professora de redação



Fonte: Reprodução da reportagem da TV Clube/Rede Globo (2014).

Metodologia

A pesquisa utilizou Análise de Conteúdo, conforme defendido por Laurence Bardin (1977), como procedimento metodológico para analisar as reportagens do telejornal estudado. Com o método, foi possível realizar a categorização dos conteúdos e temas recorrentes nas matérias, permitindo fazer o levantamento de como as crianças participam e são representadas no telejornalismo.

Para início de pesquisa, foi feito mapeamento de conteúdos do telejornalismo piauiense voltados para o público infantil. Estes podendo ter representações ou participações desse público. Ainda sem grandes aprofundamentos, foi possível observar a escassez de conteúdos com esse recorte no jornalismo do Piauí.

Após alguns meses de pesquisa, foi encontrado o "Repórter Mirim" promovido e exibido pelo programa Piauí TV 1ª Edição, telejornal da TV Clube, afiliada da Rede Globo no estado. Há uma incerteza nos anos iniciais do quadro, mas acredita-se que teve duração de 2010 a 2017, com anos de intervalos. Considerando o acesso às matérias completas, foi escolhido o ano de 2014 para a pesquisa do presente artigo.

Depois, reuniu-se os autores para fazer parte da fundamentação teórica, assim como para o embasamento das análises realizadas. Ao tempo que as matérias foram assistidas e categorizadas.

A ideia é analisar como as crianças participaram de cada matéria e se os temas abraçaram a individualidade de cada um dos repórteres mirins. Assim como categorizar

ações que valorizem ou não a faixa etária, como: linguagem, recursos audiovisuais e até mesmo a participação ativa das crianças.

Apresentação dos resultados

A tabela 1 apresenta o nome dos repórteres mirins, assim como a descrição e descrição de cada VT. No contexto do jornalismo, VT é um jargão usado para definir a matéria ou reportagem em vídeo que foi previamente gravada e editada, exibido.

Tabela 1

Repórter Mirim	RECORTE DA MATÉRIA	DESCRIÇÃO
Luana Alcântara	O que fazem os domingos serem especiais/gostosos para ela	A matéria acompanha a pequena Luana em um dia de domingo com a família. É mostrado os pratos preferidos e as brincadeiras que já se tornaram tradição para eles. A reportagem contou com a participação dos pais, da tia e de uma psicóloga. A especialista foi incluída para reforçar como momentos de interação no seio familiar é crucial para o desenvolvimento infantil. A narração ficou por parte da criança, assim como as entrevistas com os familiares. Já na entrada da psicóloga, a condução não foi da "Repórter Mirim".
Alice Oliveira	Lazer que gosta de fazer com a família	O VT que tem como "Repórter Mirim" a Alice, acompanha a rotina da pequena. Vai desde as aulas na escola, chegada em casa, brincadeiras com a irmã até uma ida ao cinema.

		Toda a matéria é narrada com a voz da criança, além das entrevistas serem conduzidas por ela. E destaca bastante os lazeres preferidos com os familiares.
Jefferson Rodrigues	Diversão preferida	Na matéria do Jefferson, além da participação da mãe e da irmã, tem uma entrada com uma antropóloga, que explica a relevância das práticas de leitura bíblica realizadas em família, um dos momentos destacados pelo menino durante a reportagem. Diferentemente da matéria anterior, as entrevistas não são conduzidas integralmente por ele, evidenciando uma participação mais compartilhada entre a criança e a equipe de produção. Isso fica evidente na sonora da especialista, cuja entrevista é mediada pela produção do telejornal.
Wellington Júnior	Brincadeira longe das telas	Wellington conduziu todas as entrevistas da reportagem. Ele conseguiu aliar o assunto central do concurso com um tema super pertinente: o uso das telas por crianças. A matéria começa na sala de casa, onde fica o video-game e o computador da família. Depois ambientes como a rua da residência e o Parque Potycabana ganham espaço no VT, com o objetivo de mostrar que as brincadeiras e

		as interações entre familiares e amigos acontecem longe das telas da TV e do PC.
Flávio Delano	Fim de semana como a família	Na matéria de Flávio, a brincadeira entre primos durante o final de semana é o maior destaque. Além de entrevistar primos e a mãe, também há participação dos avós. O que diferencia o VT de Flávio para o das outras crianças, é que ele valoriza a participação de familiares da mesma faixa etária, como o primo Ryan. Que em um momento da matéria também é indagado sobre o que mais gosta de fazer em família. Isso demonstra ainda mais a participação infantil na construção do conteúdo jornalístico. Além do ambiente da casa, é mostrado uma parte da rotina do "Repórter Mirim", que é na escola de futebol, onde sempre é acompanhado pelos avós.

Fonte: Elaborada pela autora (2026)

Já a tabela 2 dedica-se em organizar as matérias em categorias, são elas: linguagem infantil, participação ativa das crianças, recursos audiovisuais e temáticas. A ideia é apresentar como cada VT atende, ou não, elementos importantes na construção de material produzido com e para crianças.

Tabela 2

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
------------	-----------

Linguagem Infantil	A linguagem infantil é mantida quando observa-se que não foram inseridas palavras rebuscadas ou difíceis de pronunciar. A linguagem infantil aqui pontuada não é infantilizada, e sim sem palavras que não fazem parte dessa faixa etária. Na reportagem do Jefferson, por exemplo, ele utiliza várias vezes a palavra “daquelas” em uma única frase, o que faz acreditar que a edição preferiu manter a autenticidade do momento e do garoto.
Participação ativa das crianças	Em duas das matérias apresentadas não houve participação total das crianças. Nos momentos das entrevistas com especialistas, por exemplo, as sonoras foram coletadas por terceiros. O que fez com que a participação dos repórteres mirins não fossem 100% aproveitadas.
Recursos audiovisuais	Como uma forma de dar mais ar e cor da infância nas matérias, trazendo até mesmo um diferencial das matérias cotidianas para essas, utilizou-se recursos interessantes. Músicas, cores e até mesmo artes.
Temáticas	O tema foi o mesmo para todos os concorrentes: "O Que Mais Gosto de Fazer com a Minha Família". Contudo, foi possível perceber recortes diferentes nas cinco matérias exibidas. O que demonstrou criatividade das crianças e variadas formas de criar uma matéria.

Fonte: Elaborada pela autora (2026)

Diante do elencado, foi possível observar que mesmo com um tema central igual, o espaço oportunizado pelo programa jornalístico deixou crianças livres para produzirem diferentes recortes do cotidiano com a família. O uso de trilhas e animações estavam presentes quase que em todas as matérias fazendo com que o telespectador compreenda que trata-se de um conteúdo diferente do habitual. Entretanto, mesmo que o concurso tenha sido vendido como “Repórter Mirim”, onde entende-se que é a criança que estará em todos os processos comuns de um repórter na construção de uma

reportagem (coleta de sonoras, passagem e escrita do texto), observou-se a falta dos pequenos em alguns momentos importantes das reportagens.

Foi o caso do VT de Jefferson Alexandre, que na entrada da sonora da antropóloga a pergunta não foi realizada pelo "Repórter Mirim" em questão, e sim por um terceiro, deduz-se que pela equipe de produção. Mesmo que sejam poucos segundos de participação da especialista, não diminui a necessidade da mediação do pequeno repórter, visto que o conteúdo fugia de uma matéria tradicional e foi vendida como produzida e reportada pelo garoto.

Foto 3: Participação da antropóloga Jaína Feijão na matéria de Jefferson Alexandre



Fonte: Reprodução da reportagem da TV Clube/Rede Globo (2014).

A situação acontece em mais uma das reportagens e demonstra que mesmo em assuntos voltados ao público ou até mesmo em matérias que exigem seu protagonismo, as crianças seguem com pouca participação.

Considerações Finais

No estudo da arte, fase inicial do trabalho, foram levantadas duas hipóteses. Hipótese 1: poucas produções do telejornalismo piauiense voltado às crianças. Hipótese 2: nas poucas produções, mais representação do que participação infantil.

Na hipótese 1, foi constatado que, mesmo com a presença de canais abertos e intitulados como emissora de televisão educativa no Piauí, a programação exibida não contempla o público. Visto que são apenas replicações de desenhos e animações nacionais, não há uma representação e pertencimento regional e até mesmo estadual.

No que se refere a hipótese 2, foi observado que nas poucas produções, as crianças não assumem o papel de participantes, visto que são sempre representadas. São usados pais, responsáveis ou especialistas para responderem situações ou ações que competem ao cotidiano e direitos de meninos e meninas. O que termina por não atender o público da maneira que merece e lhe são resguardados por lei. É o que David Buckingham (2006) defende, ao explicar que cabe aos profissionais do jornalismo inserir este público nas discussões e produções de notícias jornalísticas.

Assim, a pesquisa em cima do concurso "Repórter Mirim" do Piauí TV 1ª Edição da TV Clube de 2014 foi oportuna para elencar categorias, descrever materiais e observar como as crianças participam e são representadas nessas matérias. É importante destacar que a linha editorial do telejornal estudado contempla pautas de diferentes municípios do estado. Contudo, as redações classificadas no concurso, que posteriormente tornaram-se VTs, foram apenas de meninas e meninos da capital piauiense. O que limitou espaços e até mesmo experiências e perspectivas, algo que a presença de crianças de outras cidades poderiam explorar e tornar as reportagens ainda mais representativas.

Mesmo em um contexto comemorativo, como o do Dia das Crianças, foi possível constatar que esse público foi deixado de lado em algumas partes importantes das reportagens. Ação evidente em momentos de entrevistas com especialistas.

Por fim, destaca-se que o concurso no programa da grade da TV Clube durou poucos anos. Mesmo com furos de condução, como descritos ao longo do estudo, é preciso reconhecer que o concurso foi um passo importante no telejornalismo regional. Por ser responsável por inserir meninos e meninas em contextos noticiosos. Ainda que tenha sido realizado todo um estudo e apresentado resultados a partir dessas análises,

não faltam brechas a serem preenchidas. Por qual motivo quadros protagonizados por crianças não vigoram no telejornalismo? Como o jornalismo regional pode se tornar um espaço de reconhecimento e pertencimento por parte das crianças? Profissionais do jornalismo já estudam maneiras de inserir o público infantojuvenil em discussões sociais? Brechas essas que podem ser preenchidas em pesquisas futuras, o que oportuniza o aparecimento de mais estudos sobre a temática.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias**: após a morte da infância. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. Florianópolis. 2006.

Criança cidadã?: os manuais de redação e as orientações sobre infância e adolescência. *Mídia e Cotidiano*, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 32–54, 2020. DOI: [10.22409/rmc.v14i1.38436](https://doi.org/10.22409/rmc.v14i1.38436). Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/38436>. Acesso em: 3 jun. 2026.

DORETTO, J. **Jornalismo para a infância**: uma proposta de definição. *Ciberlegenda*, v. 30 (1), p. 59-72, 2014.

PONTE, Cristina. **Crianças em notícia**: a construção da infância pelo discurso jornalístico (1970-2000). Lisboa: ICS - Imprensa de Ciências sociais, 2005.

SILVA, G. A.; BUENO, T. C. **Os estudos sobre Jornalismo infantil na Comunicação**: Um mapeamento das pesquisas no Brasil. In: Intercom, 2019, Belém. Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Sessão 08, 2019. p. 1-15.

ANDRADE, Tamires Vichi de; SILVA, Elizeu do Nascimento. **Jornalismo Infantil**: a extinção de um segmento. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 40, 2017, Curitiba. Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba: Intercom, 2017, p. 1-15 Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0726-1.pdf> . Acesso em: 3. jun. de 2026.

TASSI, Adelaide da Rosa. **A importância da literatura infantil para o desenvolvimento e aprendizagem da criança**. Porto Alegre: [s.n.], 2002.

VENCEDORES do concurso "Repórter Mirim" participam do PITV 1ª Edição. Piauí TV 1ª Edição, Teresina: TV Clube, 11 out. 2014. Disponível em:
<https://redeglobo.globo.com/pi/redeclube/noticia/2014/10/vencedores-do-concurso-repo-ter-mirim-participam-do-pitv-1-edicao.html>. Acesso em: 1 de mai. de 2026.